

4º Domingo da Páscoa

1ª leitura (Antigo Testamento) - Ezequiel 34:1-10

O profeta Ezequiel foi um dos primeiros a ser exilados de Jerusalém para a Babilônia em 592 a.C. E começa a profetizar após a chegada da segunda leva de exilados que trazem a notícia da destruição do Templo de Jerusalém (587 ac). Ezequiel era antes um sacerdote que, como todos os seus colegas e maior parte do povo, acreditavam que o Templo de Jerusalém era a Casa do SENHOR e o único lugar onde poderia se manifestar sua glória. Será que a destruição do Templo seria o fim do SENHOR? Será que o povo estava agora órfão, só no exílio, sem pátria e sem Deus (“como ovelhas sem pastor” cf. Mc 6:34/Mt 9:36)? Assim, os judeus do exílio se reuniam para chorar às margens do Rio Quebar na Babilônia e já não conseguiam mais cantar (Salmos 137:1; “Às margens dos rios da Babilônia, nós nos assentávamos e chorávamos, lembrando-nos de Sião” e Ez 3:15). Ezequiel quer demonstrar que a glória de Deus não pode ser encerrada em quatro paredes e muito menos destruída mas que, antes do Templo ser destruído, o SENHOR tinha ido para o exílio junto com seu povo que jamais foi abandonado a sua própria sorte (Ez 3:23).

O texto deste domingo mostra que as dúvidas do povo no exílio não eram apenas teológicas (“que Deus é o nosso Deus”), mas também pastorais (“qual é a relação de Deus conosco?”). Seguindo o modelo da sua profecia, Ezequiel nos leva numa visão ao passado, tentando explicar por que os pastores de Israel deixaram que seu povo sofresse todo tipo de violência e humilhação sendo finalmente levado para o exílio. Os pastores do passado só se preocuparam com eles mesmos, se enriqueceram a custas do povo, mas não preocuparam e cuidar da gente mais fraca (pobres, excluídas) nem de preparar o povo para enfrentar a vida por si mesmo (Ez 34:2-4). A consequência foi a situação que os ouvintes de Ezequiel estavam vivendo espalhados no exílio vítimas indefesas dos seus inimigos (Ez 34:5-6).

Então o profeta anuncia o julgamento do SENHOR contra esses pastores (34:7-10), indicando que o futuro não pode ser construído sobre a impunidade do passado. No entanto é uma pena que as pessoas que escolheram esta passagem deixaram de fora o fantástico final que dá o pulo de esperança neste texto. No seu anúncio de futuro o profeta afirma que o SENHOR será, de agora em diante, o Pastor do seu Povo, para reuni-lo e levá-lo de volta a sua pátria (Ez 34: 11-12). Ezequiel 34: 1-10 fica de fato incompleto em si mesmo e muito mais se comparado com João 10 como sugere o lecionário. Parece-me que o anúncio de Jesus (“Eu sou o Bom Pastor” – Jo 10:11) nasce da mesma esperança proclamada por Ezequiel (34:11-12): “Porque assim diz o SENHOR Deus: Eis que eu mesmo procurarei as minhas ovelhas e as buscarei. Como o pastor busca o seu rebanho, no dia em que encontra ovelhas dispersas, “assim buscarei as minhas ovelhas; reuni-las-ei de todos os lugares para onde foram espalhadas no dia de nuvens e de escuridão”. (HMG)

2ª leitura (Epístola) – I João 3.1-8

O que o autor nos ensina pode ser compreendido quando se leva em consideração a relação estreita de fé entre Deus e seus filhos e filhas em virtude da doação do próprio Deus;

O fato de que, no presente essa relação é oculta, mas será plenamente revelada no tempo escatológico de Deus.

A nossa verdadeira identidade ainda está oculta. Ela será revelada. Por enquanto é a antecipação que temos e a tensão entre "o já" e "o ainda não". Então, não há sinais da participação no "já"? Não há orientação para nós quanto à identidade geradora de conduta condizente com esse "já"? "Seremos semelhantes a Ele" e essa semelhança percorre do início da vida cristã até o fim. A semelhança é o amor que tem sua origem e iniciativa e anterioridade em Deus que enviou Jesus (1.1ss). E a semelhança tem a ver com a comunhão com esse Deus possibilitada por Jesus Cristo, (4.10). É na esperança que podemos viver a vida cristã aberta e sem medo da pluralidade e inclusividade, isto é, a caminho de constante transformação. Assim, a vida marcada pelo amor a Deus e uns aos outros, pela esperança e pelo reconhecimento de que violamos esse amor, (1.8ss.).

Nesta carta há duas afirmações que não podem ser separadas. Se uma for desligada da outra não se teria a verdade". Os filhos unidos de tal maneira com Deus não podem pecar, pois "agora somos filhos de Deus□□□□"(3.2). Uma nova identidade nos foi dada. Essa identidade está oculta, porém, tem a ver com a permanência no amor que Cristo revelou e viveu como foi dito acima. Também se encontram referências à lei e dá impressão de que a vida cristã é viver a lei. Porém a lei de que se fala é o mandamento do amor e cumprir esse mandamento está contrastada com o pecado, que é o ódio e o cumprimento do mandamento do amor se manifesta concretamente no amor fraterno, (2.10) como foi dito acima. Isso é viver na luz. Isso redundará em vermos a nós mesmos e aceitarmos a nós mesmos, à luz dessa nova relação cuja iniciativa está em Deus. De outro lado, como em 1.8, "se dissermos que não temos pecado, enganamo-nos a nós mesmos e a verdade não está em nós", isto é, não podemos deixar de assumir essa nova condição e cair na auto-complacência ou nos esquecermos de que a nossa identidade verdadeira ainda está oculta - "o ainda não". Vive-se essa tensão confiante na predominância do amor fiel de Deus, de sua misericórdia, em relação à existência humana como resposta falível. Deus nos amou primeiro. Isso é expresso pela figura do Cristo como advogado, intercessor. O que caracteriza esse intercessor e advogado é que Ele não faz retaliação quando alguém transgredir seu mandamento do amor. A sua lógica não é a lógica que diz "você colhe o que você semeou, você recebe o que merece.", pois o intercessor nos liberta dessa visão que é fruto gerado pela lógica contrária ao amor.

Por outro lado, é importante perceber que as palavras que comunicam o mandamento do amor, a comunhão na comunhão Daquele que enviou Jesus e com quem o Filho tem comunhão (1.1-3) são lidas nesta época pascal sob a luz da ressurreição que não só revelou o pecado humano (ódio, injustiça, corrupção, etc.), mas também, o resgate, redenção, libertação e perdão para a verdadeira comunhão fraterna. (ST)

Santo Evangelho - João 10: 11-16

Desde o Antigo Testamento que Deus promete levantar um "bom pastor" que pastoreie Israel de forma correta. Neste texto, em confronto com as autoridades judaicas que procuram acusar Jesus por curar no sábado (Jo 9), Jesus assume ser ele este pastor prometido por Deus. Os líderes de Israel não eram pastores, mas opressores do povo.

Jesus é o *modelo do bom pastor* por três razões:

Em primeiro lugar, Jesus é aquele que *dá a vida por suas ovelhas*. (v.11). Em um mundo cada vez mais voltado para o lucro e para se "tirar vantagem" das situações e das pessoas, há muitos tipos de pastores que envergonham até mesmo esta palavra. Há muitos que retiram toda a lã da ovelha e a deixa sem calor para enfrentar as noites frias; outros se preocupam apenas com sua carne, e outros as utilizam como moeda de barganha. As ovelhas se transformam em um símbolo do *status* religioso. Quanto maior o rebanho mais votos, mais fama, mais poder, mais serei bem visto pelos meus pares. Jesus age de forma diferente. Ele sofre por suas ovelhas; ele se doa por suas ovelhas; ele vai procurar as ovelhas doentes; ele se gasta e se cansa na busca das ovelhas que Deus lhe deu.

Em segundo lugar, Jesus é aquele que *conhece as suas ovelhas*. (v. 14). Conhecer implica em proximidade e em relacionamento. Jesus *viveu* com seus discípulos durante um bom tempo. Eles comiam juntos, andavam juntos, dormiam juntos, Jesus conhecia suas vidas, suas idéias, seus medos e temores, conhecia suas virtudes e fortalezas. Jesus era um pastor para eles porque os conhecia e porque investia neles. Jesus os preparava para que assumissem a missão com sua partida. Será que conhecemos nossos paroquianos, ou nos transformamos apenas em distribuidores de hóstias no domingo? Será que nos envolvemos com eles ou apenas temos um relacionamento "funcional"? Nos os chamamos pelo nome? Eles nos chamam pelo nome ou apenas pelo título? O bom pastor conhece suas ovelhas.

Em terceiro lugar, Jesus é aquele que *conduz suas ovelhas*. (v.16). Finalmente, Jesus, como bom pastor, conduzia seu rebanho para o curral. O curral é o lugar de proteção, é o lugar de descanso, é o lugar onde se refaz as forças para o dia seguinte. Será que temos sido capazes de levar as ovelhas a este lugar? Temos suprido todas as suas necessidades? Mais ainda, o texto nos diz que este bom pastor também deve guiar suas ovelhas até um instante em que, em obediência à sua voz, haja apenas um só rebanho e só pastor. Temos sido nós instrumentos de união ou de desunião do rebanho de Cristo?

Que Deus nos dê pastores que pastoreiem o povo de Deus. Pessoas que tenham o coração no que fazem e que sejam capazes de ir até onde o Supremo Pastor foi por amor às ovelhas (JLFA)